

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Embates cotidianos de uma comunidade de afetos: entre o *nós* e o *eles*. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 49, p. 29-39, abril de 2018 ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Embates cotidianos de uma comunidade de afetos: entre o *nós* e o *eles*

Daily clashes of a caring community: between *us* and *them*

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido em: 01.02.2018

Aceito em: 27.02.2018

**Resumo:** Este artigo, de base etnográfica, acompanha os embates cotidianos de uma comunidade de afetos constituída pelos moradores de uma rua de um bairro popular da cidade de João Pessoa chamada, aqui, de Rua X. A Rua X não só abriga a comunidade de afetos, mas, também, um conjunto de seis casas que compõem a Vila Sem Nome. O objetivo deste artigo é o de perceber as tensões envolvidas na Rua X com a Vila Sem Nome, desde a sua construção nos anos de 1960. A Rua X é uma rua que não existe mais, a última casa foi repassada para as mãos de uma construtora, dona dos outros terrenos das antigas casas, no início do ano de 2017. **Palavras-chave:** comunidade de afetos, solidariedade, compartilhamento, exclusão, *nós* e *eles*, tensão, memória

**Abstract:** This article, based on ethnography, accompanies the everyday struggles of a caring community constituted by the residents of a street in a popular neighborhood in the city of João Pessoa, called X Street. X Street not only houses the community of but also a set of six houses that make up Unnamed Village (*Vila Sem Nome*). The purpose of this article is to understand the tensions involved in X Street with Vila Sem Nome, since its construction in the 1960s. The X Street is a street that no longer exists; the last house was passed to the hands of a construction company, owner of the other lands of the old houses, at the beginning of 2017. **Keywords:** caring community, solidarity, sharing, exclusion, *us* and *them*, tension, memory

A Rua X é uma rua com uma história natural construída através das trajetórias de sofrimento, lutas, conquistas, partilhamento, solidariedade e amizade experimentadas pelos moradores pioneiros do lugar. Homens e mulheres vindos de várias cidades do agreste e sertão paraibanos, em meados dos anos de 1940 e que ocuparam um espaço na Mata do Buraquinho, próximo ao Rio Jaguaribe, na capital.

Ocupação esta realizada em uma área desconsiderada, na época, pela especulação imobiliária e pelos empreendedores morais (Becker, 2008) e seus projetos e ações projetivas para a cidade em expansão, e a transformaram em um lugar de pertença. Em suas memórias se auto-intitulam pioneiros. Mas também se chamam de moradores permanentes e de primeira geração da Rua X.

Eles são os personagens-agentes que ergueram o que também auto-intitulam de comunidade de afetos. Associação assim denominada por vinculá-los a uma rede sólida de amizades, solidariedade e compartilhamento, que responde a uma cultura emotiva e um ethos de pertencimento ao lugar escolhido para viverem e criarem os seus filhos na “cidade grande”.

Este artigo, de base etnográfica, portanto, acompanha os embates cotidianos de uma comunidade de afetos constituída pelos moradores de uma rua de um bairro

popular da cidade de João Pessoa chamada, aqui, de Rua X<sup>1</sup>. A Rua X é uma rua que não existe mais, a última casa foi repassada para as mãos de uma construtora, dona dos outros terrenos das antigas casas, no início do ano de 2017<sup>2</sup>.

O objetivo deste artigo é o de perceber as tensões envolvidas na Rua X, desde a construção nos anos de 1960 de uma pequena vila com seis casas no início da rua. A Rua X, assim, não só abriga a comunidade de afetos, mas, também, este conjunto de seis casas que compõem a aqui denominada Vila Sem Nome.

Esta pequena vila é habitada por moradores de alta rotatividade, recém-chegados à cidade e que passam apenas uma temporada, que varia de um mês a um ano no local, em poucos casos um pouco mais, mas nunca chegando há dois anos. Recém-chegados a João Pessoa, vindos do interior paraibano ou dos estados vizinhos, expulsos do meio rural ou procurando condições mais propícias de vida e trabalho na capital, chegavam à vila através de informações conseguidas na rodoviária ou na estação ferroviária assim que desembarcavam, sendo levados até a vila e ocupando as casas vazias.

O tempo em que permaneciam era o tempo de integração mínima à cidade, até encontrarem um emprego ou um lugar mais adequado para construírem suas moradias, em ocupações recentes, ou alugando novas moradias perto do trabalho que porventura encontrassem. Os moradores da vila, também chamados de moradores temporários pelos membros da comunidade de afetos da Rua X, apesar de residirem na rua, pelo alto rodízio de famílias na vila, não eram considerados como pertencentes à comunidade de afetos local, nem eles mesmos se consideravam.

Essa dimensão hierárquica entre os que fazem e não fazem parte da Rua X, isto é, da comunidade de afetos que a compunha, gerava um clima permanente de atritos e tensões entre os seus moradores. É sobre essas dificuldades interacionais que este artigo busca refletir.

### **A comunidade de afetos e a Vila Sem Nome**

O cotidiano da Rua X, nos seus um pouco mais de setenta anos de existência, foi se complexificando com o crescimento dos filhos dos casais pioneiros que ergueram a comunidade de afetos local. O crescimento dos filhos, por um lado, permitiu consolidar laços sociais entre os casais e a construção simbólica que fundamenta os códigos de pertencimento ao lugar, dando origem e sentido à comunidade de afetos. Bem como, a um plano de socialização desses novos membros (os filhos) à simbologia e aos códigos de conduta moral da rua, vivida no cotidiano pelos seus moradores enquanto laços estreitos e de intensa personalidade.

De outro lado, o crescimento dos filhos, e a chegada de genros e noras, e de netos e, posteriormente, bisnetos, e a permanência de alguns em puxadinhos ou no interior das casas dos pais, nos estreitos limites de uma vida de intensa personalidade, que se debruça sobre o que é viver em um cotidiano onde todos respiram tudo o que se passa com todos os demais, gerou um núcleo de tensões permanente. Núcleo de tensões este, resultante desse encontro em que a individualidade e as ações individuais são

---

<sup>1</sup> Os nomes da rua e dos interlocutores envolvidos nessa análise são fictícios, para preservar a identidade deles.

<sup>2</sup> As casas da Vila Sem Nome foram as primeiras a ser vendidas e colocadas abaixo, depois as demais, uma a uma. Desde o ano de 2013 até o início de 2017 todas as casas haviam sido derrubadas, e a Rua X deixou de existir e se tornou um terreno vazio à espera de valorização. Continua vivendo, porém, na memória dos quatro últimos pioneiros que permanecem vivos, e em seus filhos e netos espalhados que se encontram pelos bairros de João Pessoa e cidades da região metropolitana.

sentidas cotidianamente como temor e mágoa pelos que ficam de fora delas, e como “chateação” e sentimento de importuno por quem a vive<sup>3</sup>.

Afora as colisões no interior da comunidade de afetos, construindo situações tensas e formas de superá-las, e a complexificação da convivência cotidiana dos moradores da Rua X, com o crescimento dos filhos e a chegada de genros e noras e netos e bisnetos, o grande problema que obrava como um ponto de fricção, e desafiava a composição harmônica da rua, se encontrava localizado, em todos os depoimentos dos moradores permanentes da Rua X, logo no início da rua. Especificamente, no seu lado esquerdo, nas seis casinhas que compunham a Vila Sem Nome (ver croqui abaixo).



**Croqui** aproximado da Rua X com a localização dos casais e da Vila Sem Nome. **Fonte:** Arquivos do GREM. Croqui elaborado pelo autor.

Os moradores da vila eram vistos como um ponto de inflexão por sua participação como estranhos cotidianos no interior da Rua X. De uma parte, eram moradores temporários e de grande rotatividade: o que fazia com que, de tempos em tempos, as casinhas da vila tivessem os seus habitantes renovados. A permanência desses moradores na vila tinha deste modo, uma variação média de um mês a um ano de moradia, poucos deles indo além desse período.

Os moradores da vila, porém, eram personagens em cena diária e com quem os demais moradores da rua tinham que cruzar “todo santo dia”, mas, que eram considerados por eles como estranhos ao lugar. “Eles”, nos diversos depoimentos colhidos com os moradores permanentes, “não pertenciam a Rua X”. Não pertenciam, muito menos, à comunidade de afetos que a envolve.

Eram sentidos, deste modo, como estranhos cotidianos. A noção aqui usada de estranhos cotidianos foi construída a partir de outra expressão, “gente que a agente mal

<sup>3</sup> Esta questão não será objeto de análise deste artigo, foi tratada, no entanto, em Koury (2018 e 2018a).

conhece, mas vive se esbarrando cá e lá e vivem se metendo onde não é chamada”, empregada em uma das narrativas colhidas durante as estadas em campo na Rua X. A longa sentença deste entrevistado deu origem à noção estranhos cotidianos, aplicada aqui para separar a intimidade dos moradores que fazem parte da comunidade de afetos, os moradores permanentes e seus familiares, das relações sempre distanciadas, apesar das “buscas de aproximação e ajuda de nós”, dos moradores da Vila Sem Nome.

A noção remete ao sentido de uma permanência de tempo curto ou médio de uma pessoa, família ou agrupamento em um lugar, em que são percebidos como incômodos e não pertencentes à normatividade normativa local. São personagens que, apesar de estarem presentes em todas as situações públicas e, às vezes, privadas do lugar têm com esse lugar uma relação desigual, desconforme e distanciada, e sentimentos de não serem aceitos e de que a eles são impostos uma relativa ou total discriminação. O que ocasiona atritos e tensões com os demais participantes do lugar.

Demais participantes estes “que se acham”, - segundo vários depoimentos recolhidos de moradores da vila, nas várias estadas em campo, - com o direito de se pensarem como aqueles que são “donos daqui da rua”. Isto é, de se sentirem pertencentes ao lugar por terem uma trajetória comum e desenvolverem uma rede de solidariedade e de afetos entre si.

Os estranhos cotidianos, portanto, são indivíduos que estão presentes na Rua X de forma marginal, isto é, como pessoas que se encontram às margens do sistema normativo da Rua X e da comunidade de afetos que a encerra, e que são sentidos ou que se sentem como dessemelhantes e desconformes ao lugar. São vistos também como incômodos, pelos demais habitantes do lugar. Moradores alheios à experiência compartilhada de afetos da Rua X e que detêm uma história natural comum de experiências e trocas afetivas que os fazem, ou os permitem designar-se, como uma comunidade de afetos.

O que motiva e dão origem a uma relação tensa e diária entre os moradores da vila e os demais moradores, em feitiços de sentimentos de mágoa, exclusão, estigma e humilhação cotidianos. Que, por sua vez, são respondidas quase sempre com ironias, rumores e fofocas sobre o lugar, e sobre as situações diárias que envolvem os moradores permanentes, apostando afetar a normalidade normativa local. Tentativas estas que se anunciam em formas nem sempre positivas e, às vezes, jogando ao descrédito as regras convencionadas como localmente legítimas de convivência mútua e comportamentais, e como elas são vividas pelos moradores permanentes no seu dia a dia.

Na visão da comunidade de afetos, havia da parte deles um esforço “sobre-humano” de “amparar” os moradores da vila. Entretanto, por mais esforços de ida da comunidade até eles, - no empenho de diminuir as carências com que chegavam ao local, e de tentarem ajudá-los a conseguir pequenos trabalhos informais ou virações até se estabelecerem na cidade de João Pessoa, bem como de levarem a eles palavras de fé, e darem conselhos úteis sobre a ambientação na cidade: postos de saúde, como movimentarem-se na cidade, linhas de ônibus, locais onde poderiam encontrar trabalho, etc., - a recepção era sempre difícil e “cheia de surpresas aborrecidas”. O que causava aos membros da comunidade de afetos “desgosto” e descontentamento.

A ida até os moradores da Vila Sem Nome, na visão dos moradores temporários que a habitavam, era a de uma jornada de anfitriões, e funcionava, - de forma consciente ou inconsciente, - como uma marcação de posição de desigualdade entre os dois grupos de moradores, e não como um modo de integrá-los à rua. Era uma demonstração, para os próprios moradores permanentes da Rua X, enquanto comunidade de afetos, do exercício cotidiano da solidariedade para com os mais carentes e mais humildes, e uma demarcação de posição do quanto eram bons e ao

mesmo tempo do quanto estavam distantes e dessemelhantes deles (moradores da vila). Tal exercício nada mais era, na visão dos temporários, do que uma demonstração da linha que separava a Rua X, enquanto comunidade de afetos, “da gente”, isto é, dos moradores da Vila Sem Nome, e da distância que havia entre eles.

O exercício cotidiano de solidariedade, assim, servia como um demarcador do *nós* e do *eles*. Essa demarcação simbólica situava as relações entre os dois grupos de moradores em cenários plenos de tensões e causava óbices às vezes difíceis de superar.

A rotatividade e dispersão das famílias que aportavam por alguns meses nas casas da Vila Sem Nome impossibilitavam a criação de vínculos mais estreitos com as famílias de moradores permanentes da Rua X, de acordo com os depoimentos dos dois grupos de moradores locais. Em consecutivos anos, deste a sua edificação, a Vila Sem Nome abrigava moradores que aportavam por lá, vindos do interior do Estado da Paraíba, em busca de um recomeço na cidade de João Pessoa, capital do Estado. Há anos, também, esses moradores temporários eram substituídos por outros novos, sem tempo de exercitarem uma aproximação de maior proximidade com os vizinhos permanentes da rua.

Não que inexistisse um aporte solidário da parte da comunidade de afetos local, que semanalmente iam até a vila com donativos e palavras de esperança e conselhos de como “se virarem” na capital, e com informações sobre pequenos serviços em que podiam se engajar enquanto buscavam empregos melhores. Acontece que a ida até a vila pela comunidade de afetos gerava, ela mesma, desconforto entre os que iam até a vila e os próprios moradores da vila. Provocava a cada visita ranhuras interacionais e desconfortos de copresença entre as partes interagentes e a sensação de uma distância e desconformidade entre os dois tipos de moradores presentes na Rua X, gerando sentimentos de discriminação.

Simbólica e praticamente, portanto, estabelecia uma segmentação hierárquica entre os estabelecidos e os temporários, em que os últimos se sentiam excluídos e com a sensação de serem usados como demonstração de “bondade” por parte dos membros da comunidade de afetos para reforçar o próprio ideário de uma comunidade unida nos liames afetivos que permeavam a sua história natural como Rua X, e solidária com “os mais carentes” que aportavam na Vila Sem Nome.

A Vila Sem Nome, na opinião e sentimentos dos seus moradores, aparecia como discrepante e “anormal” na visão da comunidade de afetos, em relação à da Rua X. “Para eles”, isto é, para os moradores da comunidade de afetos, “nós que vive aqui nesse canto”, a Vila Sem Nome, “a gente é uma ferida”, no ambiente sadio da Rua X, no meio “da bondade da gente de lá prá gente daqui”. Na opinião dos moradores da vila, essa ação caridosa era usada pela comunidade de afeto “prá humilhar nós daqui”, e só servia prá eles mesmos se inflarem com essa “bondade deles”. Situação ocasionada nos dias das “visitações” que os permanentes aproveitavam, na visão dos temporários, para diminuí-los, com suas visitas semanais, em que expressavam a sua “bondade e bem-querência” para si mesmos.

Esse cenário de tensões se acumulava dia após dia e se traduzia em ruídos que se tornavam, com o passar dos anos em uma espécie de memória das interações dos moradores da vila com os da comunidade de afetos da Rua X. Embora de grande rotatividade, as famílias que ocupavam as casas da vila não saíam ou entravam todos a um mesmo e só tempo.

A renovação das famílias da Vila Sem Nome, destarte, acontecia de forma continuada. Nas casas que desocupavam, porém, as novas famílias advindas à vila lá chegavam e encontravam outros que já tinham uma experiência de viver na Rua X e com a comunidade de afetos que a encerrava.

Esses encontros de famílias que chegavam com outras que lá já se encontravam permitiam uma constante informação sobre a experiência com os moradores permanentes da rua onde se encontrava a Vila Sem Nome. Os novos habitantes que ocupavam as “casinhas<sup>4</sup>” desocupadas, deste modo, já incorporavam uma série de ruídos sobre os processos interativos e o sentimento de exclusão da comunidade de afetos que residia e que administrava a rua “como se fosse dela”. Uma memória onde a Vila Sem Nome aparecia como um não lugar, e com o sentimento de seus moradores de serem lembrados permanentemente deste seu não lugar no interior da Rua X, com o exercício de “caridade” que os permanentes patrocinavam semanalmente.

De tal modo, os novos habitantes da vila assim que chegavam à rua já eram socializados nesta memória particular de um sentimento de um não lugar que ocupavam na Rua X, através das impressões a eles passadas pelos que lá ainda permaneciam e a manipulação de suas impressões no cotidiano das suas interações com os demais moradores da rua. Inclusive, eram inteirados das fofocas em que se traçava um perfil sobre cada personagem morador permanente local.

A memória de um não lugar era repassada, conseqüentemente, não apenas como um sentimento de exclusão e humilhação, mas, também, como um acervo de informações sobre o que aconteceu e acontecia no cotidiano da Rua X, e de cada um dos seus moradores. A memória da Vila Sem Nome compunha deste modo, de certa forma, uma retentiva dos que passaram pela vila, e o cotidiano de interação com a Rua X, conservada através da socialização dos mais recentes pelos que lá ainda continuavam.

Essa memória ou retentiva dava assim um suporte técnico e moral aos novos moradores no enfrentamento cotidiano de relações com os demais moradores da rua. O principal instrumento desta memória se centrava na fofoca. E, como todo boato, ao ser repassado de boca em boca, arquitetava um conjunto de informações detalhadas sobre o lugar, tanto dos sentimentos de humilhações sofridas, como do conhecimento de histórias que a Rua X tentava encobrir e esquecer, para melhor funcionar como comunidade de afetos.

Esta arquitetura em que emergia a memória da Vila Sem Nome, laborada e operada pelos moradores que lá passavam, e transmitida aos mais recentes, portanto, funcionava como um sistema informacional. Sistema informacional fluido que compunha uma memória do lugar da perspectiva dos moradores da vila. Conhecimento acumulado a ser utilizado em situações precisas por eles, moradores temporários, contextualizados em tempos e espaços distintos e específicos, no entanto, aderentes à plástica memória do sistema de informação por eles organizados.

Memória que trazia em sua envergadura a trajetória de desafetos sofridos por um sem número de moradores temporários anteriores. Bem como as informações da trajetória de cada um dos moradores permanentes nos registros cotidianos de observação organizados em conversas, ironias, piadas e chistes pelas diversas estadas de famílias de temporários na história natural da Vila Sem Nome no interior da Rua X.

A observação cotidiana de cada morador da vila, destarte, constituía a principal dificuldade nas relações tensas entre os moradores permanentes e temporários locais. Os moradores da Vila Sem Nome, na sua totalidade, chegavam a localidade ainda sem emprego e muitos sem conhecer a própria cidade a que veio conquistar, o que fazia com que permanecessem por muito tempo, quase que diariamente, sentados na estreita plataforma de cimento que servia de entrada para as seis casas da vila.

---

<sup>4</sup> O termo “casinhas”, com que os moradores permanentes da Rua X chamavam as pequenas casas de um só cômodo da Vila Sem Nome era, também, motivo de descontentamento dos moradores da vila. Que afirmavam uma vez mais a forma dos moradores permanentes da rua “diminuírem” ou “rebaixarem” os moradores da vila.

Esse tempo livre os transformava em grandes observadores do que se passava na rua onde a Vila Sem Nome se situava. Essas observações, deste modo, ao serem conversadas entre eles eram preenchidas de informações repassadas pelos mais antigos, e que ia conformando uma espécie de miscelânea de estórias sobre a rua e sobre cada um dos seus personagens. Essa miscelânea, sempre móvel em sua construção, no momento de cada “conversa jogada ao vento” entre os moradores da vila, girava em torno do cotidiano da Rua X e das indiscrições sobre os personagens do lugar. Como, por exemplo, “... esse (essa) aí é filho, neto ou bisneto de quem”; “... esse (ou essa) é casado, amigado, viúvo de quem”; e, destas perguntas e respostas, para uma profusão de novas informações e repasses da vida pregressa de cada morador.

Repasses esses, por conseguinte, que iam compondo e organizando a memória do lugar a partir da visão dos moradores da vila sobre os demais moradores da Rua X. Como, por exemplo: “... os filhos daquela é tudo de macho diferente...”; “... aqueles ali botaram uma irmã sapata prá correr da casa deles e da rua... era uma mocinha na época... ela sumiu... ninguém mais viu ela por aqui... mas se sabe que ela mora com outra mulher lá pros lados de Valentina... outros diz que virou costureira... mas sei que foi uma confusão danada... e tem gente que acusa a gente de ter cutucado nisso... é boa...”; “... aquela ali dá pra todo mundo”; “... aquele ali velho e só sabe beber...”. Ou, “...aquele ali come a mulher daquele outro e ainda são amigo... e a mulher vai pro bar e fica do lado do marido e lá e cá da uns agarrados no amante e o maridão só a ri... é cada coisa que a gente vê por aqui...”; “... aquele outro cresceu agarrado com aquele ali... só andam encangados... como os pais deles... a mesma coisa..., oxê!...”. Podendo também, haver uma positividade no personagem fofocado, apesar da tentativa de ridicularização do seu comportamento em relação aos códigos valorativos da comunidade de afetos local como, por exemplo, “...aquela ali tem filho prá caralho com machos diferentes... mas é uma mulher de fibra... trabalhadora... mas mora ainda com os pais... sei não... entrou na faculdade e se num falava com nós, agora é que num fala mais não... é toda num sei o que... vixe”.

O que preenchia o mosaico de informações que compunha a memória da Vila Sem Nome, de um lado. No entanto, de outro lado, um mosaico sempre em movimento, que sempre era acrescido de novas nuances, detalhes, e de novas informações, ou refeito sobre outro ângulo de acordo com cada “lorota nova trazida”.

Pode-se dizer, inclusive, que a miscelânea ou mosaico que compunha a memória da Rua X pelos moradores da Vila Sem Nome, figurava mais como um caleidoscópio. Isso porque, embora em cada conversação um narrador se baseasse em elementos contidos na continuidade de informações que montavam o perfil de cada morador da Rua X, formando mosaicos ou miscelâneas sobre dada situação, e sobre seu fluxo e continuidade, esses mosaicos eram móveis e reapareciam a cada nova contagem da estória. Apesar de utilizarem as mesmas peças e poucas novidades, se estendiam por caminhos e traçados diferentes contendo, assim, uma infinidade de composições. Formavam imagens e cenários que eram remontados com e sobre as mesmas peças, mas, que se organizavam em composições diferentes a cada novo narrar, ou no jogar cotidiano de “conversas ao vento”, para esperar o “tempo passar” na calçada da vila.

Situações, cenários e contextos estes que eram movimentados a cada nova “contação”. O que permitia, destarte, a formação de novas e inúmeras figurações adequadas aos momentos em que fosse preciso abrir espaços de salvação da face de alguém, ou de uma situação vivida na rua, ou, ainda, de desmoralização da lógica afetiva e moral da comunidade de afetos que compunha a Rua X.

A cada dia e a cada “conversa ao vento”, logo se somava um conjunto novo de informações que se agregavam ao acervo anterior, e eram repassados subsídios sobre a

origem e desenvolvimento das situações que serviam de assuntos da conversa do momento. O que ajudava a urdir a tecedura da memória e a sua circulação a partir das trocas interacionais. O que induzia também, em cada conversa se revolver o arcabouço da memória, como em um caleidoscópio cujas peças, ao serem narradas e conversadas, a cada novo giro, adquiriam conformações móveis e variadas, embora permanecessem no interior de uma mesma base informacional.

Segundo Besnier (1996, p. 546) a contação ou fofoca depende crucialmente, para a sua eficácia, da cooperação e da participação ativa dos indivíduos envolvidos na conversação como platéia ou público. Isso porque cada narrador de uma situação sobre um personagem, ou sobre um conjunto de indivíduos ou de uma comunidade ou grupamento, precisa não só da atenção do público que o ouve, mas, também, da emissão de uma emoção ou sentimento repentino vindo dessa atenção. Como, por exemplo, a emissão de espanto, riso, indignação, ou de um comentário sobre a natureza da narrativa trazida pelo narrador por um membro da platéia que o escuta.

A contação ou fofoca que dá origem a memória-caleidoscópio sempre em movimento da Vila Sem Nome é desse modo constituída pelas passagens de várias famílias moradores da vila desde a sua edificação, em 1960, e montada a partir das trocas interacionais dos diversos relacionais que ocuparam a vila em tempos e contextos específicos. É, portanto, uma construção ativa da interação de muitos agentes e de tempos distintos em cada rodada de conversação sobre a Rua X. É construída, nesse sentido, a partir das mágoas e das humilhações experimentadas por cada família temporária ao longo de uma variedade de moradores que passaram pela vila, junto a outros que chegavam e outros mais que ainda lá permaneciam.

Essa memória, sempre renovada e densa, e sempre acrescida de novos fatos e situações era usada, por sua vez, para ativar e intensificar contextos situacionais em formas provocação e de ruídos sobre personagens específicos individuais ou coletivos da rua, senão, sobre a normalidade normativa do lugar. Com consequências, às vezes, perigosas e desastrosas para as famílias ou seus membros locais, ou para a harmonia, solidariedade e afetos da comunidade de moradores permanentes da rua.

Como, por exemplo, foi o caso de uma expulsão de uma adolescente da rua, ativada pelos *zum zuns* dos moradores da Vila Sem Nome, por um comportamento que provocou a indignação, nojo e receio de contaminação das demais famílias permanentes e mobilizou a comunidade de afetos para orientar os seus pais para obrigá-la a modificar o seu comportamento ou expulsá-la de casa e, conseqüentemente, da Rua X. Situação que provocou ranhuras, mágoas e sentimentos de culpa entre as partes envolvidas, contudo depois abafadas, - no entanto ainda hoje viva em brasas esmorecidas, mas acesas a qualquer sopro de vento na memória da rua e dos personagens que a compõem, - em função da continuidade afetiva do lugar.

De acordo com Besnier (1996, p. 546), “as consequências sociais das fofocas podem incluir desde o ridículo, ao ostracismo ou mesmo a morte”, simbólica ou física, podem abarcar também a expulsão e banimento da vítima, como foi o caso de Marta. Quando um rumor começa a se assentar e se expandir, provoca uma série de pequenas transformações na vida diária das pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, com o sentido dado ao que se difunde.

Em uma sociabilidade de intensa pessoalidade, como a da Rua X, onde o olhar uns sobre os outros já é absorvente e tenso, quando o rumor levanta suspeição sobre uma determinada pessoa ou situação até então não “reparada” ou não “prestada muita atenção nela...”, a comunidade em um primeiro momento tenta negá-lo ou não “dar bola”. Com o passar dos dias, porém, e com a intensificação do rumor com novos



elementos anexados a ele, o boato se assenta como atenção e se inicia uma observação mais atenta à pessoa ou à situação por ela contada.

A Vila Sem nome servia, assim, como uma espécie de termômetro moral na e para a Rua X. Era um canal por onde se podia medir a temperatura moral e comportamental dos moradores da rua no seu trajeto cotidiano, e nas suas tentativas de individualização e relativa autonomia frente às etiquetas e códigos normativos locais.

Muito embora o objetivo do barulho provocado pelos moradores da vila não fosse esse de forma direta, mas, sim, o de expor ironicamente e através de rumores e fofocas, quando não de insultos diretos, os limites da cultura emotiva e seu ethos de pertencimento e de “gente boa e de bem”, desmoralizando dessa forma, e expondo ao ridículo a comunidade de afetos através dos “atos falhos” dos seus moradores. Como, também, não era plenamente notada, - ou pelo menos conscientemente utilizada pela comunidade de afetos da Rua X, - esta função de medidor de temperatura moral local, através dos zum zuns que partiam da Vila Sem Nome.

Esse elevar a temperatura sobre padrões morais de determinados personagens, ou de situações era notada, contudo, e vez ou outra, procurada ser acompanhada mais de perto a possível desordem causada, ou as consequências que as situações e comportamentos inadequados e alardeados nas ironias e no barulho provocado “de lá, pelos lados da vila”, deles poderiam advir.

A maior parte das vezes, contudo, e de forma consciente, o barulho da vila era sentido apenas como uma “desgraça que a gente tinha que levar nas costas”. Os zum zuns da vila, mormente eram reclamados como um agente de desordem local, causando um rumor inoportuno e provocativo que não tinha como se evitar, já que não havia forma de bani-los da rua.

Desta forma, na maior parte das vezes, a Rua X fechava os olhos e os ouvidos para o que apontava e gritava a vila. Entretanto, mesmo na intenção diversa, onde se enfatizava o sofrimento moral e a “cruz” a ser conduzida no cotidiano da rua, causado por “uma gente que a gente só quer o bem, mas que olham a gente como fonte de malquerença”, o barulho da vila apontava para situações que quase sempre indicavam que devia ser observada com atenção especial, para que não se perdesse o controle sobre ela.

Desenvolvia-se, a partir de então, uma observação mais apurada sobre o fato, situação ou pessoa objeto do rumor. Os moradores da rua prestavam atenção agora não mais somente ao conjunto da pessoa ou situação envolvida na fofoca, começavam também a minudenciar e detalhar gestos, expressões, atitudes, atos e compará-los e significá-los como preocupantes, desviantes e ameaçadores às próprias vítimas e situações. Principiavam a prestar atenção e dedicar uma ênfase maior, principalmente, às consequências sobre a comunidade como um todo, e no que esse fato pode afetar a normalidade normativa do lugar.

A esta altura a fofoca da vila se encontrava em pleno desenvolvimento e já tinha cumprido a sua meta, que era a de provocar fratura no cotidiano do contexto a que foi dirigida. No caso aqui analisado, a comunidade de afetos da Rua X.

Comunidade esta cujos membros passam a dar mais atenção e a se preocupar com a pessoa ou a situação vítimas do rumor, e as vêem como pessoas ou situação possivelmente danosas ao lugar, e exigem uma atitude conjunta em prol do retorno à normalidade ameaçada da rua. Uma espécie de cruzada moral (Becker, 2008; Gusfield, 1986) é montada, assim, e diversas arenas pressionam e buscam respostas sobre qual atitude a tomar.

Cruzada moral é o nome dado a um movimento social que faz uma empreitada em torno de uma questão moral ou simbólica considerada como preocupante às normas

e aos bons costumes de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo social. O termo faz parte da teoria mais ampla do empreendedorismo moral introduzida por Becker (2008) em seu estudo sobre o comportamento desviante, dentro do pressuposto teórico-metodológico do interacionismo simbólico, herdeiro da tradição da Escola de Chicago.

O estudo de Gusfield (1986) sobre a cruzada simbólica desenvolvida pelo movimento de temperança nos Estados Unidos pode ser visto como um dos estudos clássicos sobre a noção de cruzada moral. Neste artigo se usa o termo para enfatizar as arenas e os debates que se formam sobre os dilemas e tensões experimentados na Rua X em relação às diversas situações sociais diagnosticadas como problemáticas e que podem causar quebra dos acordos implícitos que regem a comunidade, gerando desacordos, justificações e situações de ameaças ao grupo, até a montagem de uma reunião conjunta das diversas arenas formadas e que compõe a comunidade de afetos da Rua X para uma ação que iniba ou elimine a ameaça que provoca perigos à normalidade normativa do lugar.

Nesse debate, os agenciamentos são muitos e vai desde as tentativas de se chegar à pessoa ou às famílias onde se desenrolam as cenas que põem em perigo a comunidade, até o forçar a comunidade de afetos para uma reunião com toda a rua. Reunião esta, em que as diversas arenas se juntam para propor e em conjunto articular os caminhos que devem ser acionados para sanar o contratempo, ou a ameaça pressentida e já prognosticada em seus danos para o futuro da comunidade e suas consequências de contaminação para as novas gerações.

### **Notas finais**

Neste artigo se buscou analisar o clima de tensões entre a comunidade de afetos constituída pelos pioneiros que fundaram e ergueram a Rua X, durante um pouco mais de setenta anos, em um bairro popular da cidade de João Pessoa; e os moradores de uma vila, aqui nominada de Vila Sem Nome, de moradores recém-chegados à cidade e que faziam do lugar um estágio temporário para sua integração futura aos liames da capital. Clima tenso e diário motivado pela disputa de posições locais entre o espírito comunitário da rua e seu código moral, alicerçado em um contexto afetivo de treze famílias que construíram um lugar para viver, sedimentado pelo espírito de solidariedade, de amizade e de compartilhamento entre eles, e de intensa pessoalidade. Isto é, a Rua X e sua comunidade de afetos, de um lado.

E, do outro, as famílias que residiam temporariamente na pequena vila no começo da Rua X, que se sentiam como não pertencentes à rua e a sua comunidade de afetos local, e estigmatizadas e humilhadas pelos membros da comunidade em suas visitas semanais para ajuda com mantimentos e conselhos para facilitar sua adaptação a cidade de João Pessoa e dicas de trabalhos e “bicos” que porventura soubessem. Viam essas visitas como uma forma de autopromoção da comunidade de afetos como solidária com os “mais carentes”, e como uma maneira de demonstrar a sua superioridade, e a diferença entre o *nós*, comunitário, e o *elas*, moradores das “casinhas” da vila. Situação complicada a cada novo encontro, obstaculizando as relações entre os dois grupos e tensionando as relações entre eles.

Hoje, a Rua X deixou de existir. As casas da Vila Sem Nome foram as primeiras a ser vendidas e colocadas abaixo. Depois as demais, uma a uma. Desde o ano de 2013 até o início de 2017 todas as casas haviam sido derrubadas, e a Rua X se tornou um grande terreno vazio à espera de valorização.

A maior parte os pioneiros morreram, hoje restam apenas quatro deles, além de seus filhos e netos espalhados pelos bairros de João Pessoa e cidades da região

metropolitana. As várias composições familiares que habitaram a Vila Sem Nome nos cinquenta anos de sua existência estão dispersos pela cidade, ou retornaram para o interior do estado, ou emigraram para outras regiões do país.

A Rua X, a Vila Sem Nome, a comunidade de afetos, porém, continuam existindo na memória dos seus participantes. Quando terminei este artigo, neste início de 2018, a comunidade de afetos ainda resiste na memória dos moradores mais velhos ainda vivos. Vive também na recordação dos jovens, como um passado que remete às lutas e afetos dos seus pais, avós, bisavós, sogros e sogras, mas, também, que lembra a dificuldade de nela viver, como uma comunidade de intensa personalidade, que provocava tensões cotidianas e o uso de estratégias de evitação e de uma luta diária de manutenção da face como forma de sobrevivência de uma individualidade mínima e sempre sob o controle social local.

Sobre as vidas de moradores da Vila Sem Nome, após a jornada para outros caminhos, assim que saíam da vila, perdi contato, mas, acredito, que os mesmos onde estiverem, e enquanto viverem lembrarão o embate cotidiano com a Rua X. Principalmente, por serem também possuidores de uma memória caleidoscópica sobre a experiência acumulada em suas estadas na rua, em tempos e em situações diversas, e sempre relembradas e atualizadas pelos novos moradores das casas da vila, a partir da saída de outros para o “mundo”. Lembranças de situações que se deu no decorrer da estada de cada um, e em cada qual registrada pelo passado em relação a cada tempo dos outros na vila. Mas, de todo jeito, como experiência marcante em suas vidas, e marcantes em relação à comunidade de afetos, onde funcionavam como o terceiro da relação, pensando aqui no papel do terceiro elemento na tríade simmeliana (Simmel, 2013).

### Referências

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BESNIER, Niko. Gossip. In: David Levinson e Melvin Ember (Editors). *Encyclopedia of cultural anthropology*, v. 2, New York: Henry Holt Company, 1996.

GUSFIELD, Joseph R. *Symbolic crusade: status politics and the American temperance movement*. 2<sup>nd</sup> ed., Illinois: University of Illinois Press, 1986.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Cultura emotiva, disposições morais e tensões cotidianas em uma comunidade de afetos. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v.2 n.4, p. 15-34, março de 2018. <http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Uma comunidade de afetos: Reflexão etnográfica sobre uma rua de um bairro popular sob a perspectiva da Antropologia das Emoções*. Relatório final de licença capacitação ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: GREM, 2018. [A sair em breve pela editora Appris].

SIMMEL, Georg. A tríade. In: Maria Claudia Coelho (Org.). *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. (p. 45-74). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

